

vés da corporeidade que as interações e os rituais entre os atores são elaborados: “A percepção dos inúmeros estímulos que o corpo consegue recolher a cada instante é função do pertencimento social do ator e de seu modo particular de inserção cultural” (p. 56). Nesse sentido, até mesmo a dor é vista como uma construção social e cultural, em que as percepções são individuais, mas também coletivas.

Tal como as percepções, a gestualidade, a etiqueta e a expressão dos sentimentos são idealizadas e construídas nas estruturas social e cultural. Assim sendo, as representações e os imaginários do corpo perpassam a relação que os atores têm com o mundo. Eis o desafio da sociologia: a apreensão da dimensão que abarca as manifestações afetivas e das relações de vínculo social que os atores estabelecem entre si.

Ainda esse capítulo, que parece ser a centralidade da obra, já que o autor busca analisar a corporeidade na perspectiva dos tratamentos do corpo, levando em consideração a classe social e a cultura, a crítica das técnicas de tratamento sob a ótica biológica, como o modelo médico centrado, é discutido com relevância. As práticas educativas das condutas de higiene, os cuidados de saúde e com o corpo são disseminadas de forma heterogênea nas classes sociais, não considerando a cultura e os sistemas simbólicos construídos pelas camadas populares. Assim, a sociologia está diante da compreensão da corporeidade na esfera privada (banho, cuidados com as crianças etc.) e também na área pública, como os espaços de estética, cabeleireiros e outros, tendo a dimensão da classe social.

No capítulo quinto, a discussão se inicia com as abordagens biológicas destinadas ao corpo, que consistem no conhecimento biológico, neurológico ou do sistema genético para elucidar esse campo de estudo e para explicar o comportamento humano. O autor questiona isso, já que a corporeidade não é vista de acordo com os sistemas simbólicos de construção das representações do corpo, bem como as influências das práticas sociais e da cultura de uma determinada comunidade. Outro destaque importante é o ponto de vista das diferenças entre os sexos. A corporeidade nos estudos sociológicos deve abarcar as diferenças de ser mulher e de ser homem, pois são construções sociais e não meros constructos biológicos. Outra dimensão colocada neste livro diz respeito à relação do corpo com o racismo e ao corpo “deficiente”, uma vez que há ambivalências sociais e culturais construídas acerca das diferenças.

É no sexto capítulo que são reiteradas as concepções do controle político da corporeidade, que tem como destaque as contribuições das obras de Michel Foucault e de Jean-Marie Brohm. Na perspectiva foucaultiana, a respeito do poder de controle dos corpos, os atores são “controlados e disciplinados” pelo poder político e pelo Estado, que são repressivos, como o hospital, a escola, a prisão e outros, assim contribuindo expressivamente quando aborda a genealogia do poder e suas repercussões ao controle do corpo.

Ainda nesse capítulo, Bourdieu e Luc Boltanski aparecem como um dos destaques na contribuição para os estudos da corporeidade. O corpo é visto como um elemento atrelado à base material, na perspectiva marxista, em que, para as classes populares, é o instrumento de trabalho e, assim sendo, elas se orgulham se nunca tiveram de se afastar das atividades de trabalho: “A valorização da força lhes confere a uma maior tole-

rância à dor, eles não admitem, sobretudo, sentirem-se doentes. Certamente, nunca ter sido afastado por doença foi, durante muito tempo, motivo de orgulho e valor respeitado por inúmeros operários” (p. 82). Ao passo que, para as classes sociais mais privilegiadas, há valorização dos cuidados de beleza e da estrutura física, em detrimento da força física para o trabalho.

O mérito deste livro diz respeito à preocupação com as investigações sociais e culturais do corpo, em que as ciências sociais devem ter, como objeto de análise, além de uma apreensão às dimensões simbólicas, como, por exemplo, as expressões e percepções construídas na dinâmica social. Aos profissionais de saúde, a contribuição é persistente, o corpo na dimensão política, social, cultural, na diferença entre as classes sociais e de gênero, trazem instigantes reflexões acerca da corporeidade que nos cerca.

Cristiane Batista Andrade
Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas,
Campinas, Brasil.
criks@yahoo.com

THE OBESITY EPIDEMIC: SCIENCE, MORALITY AND IDEOLOGY. Gard M, Wright J. London: Routledge; 2005. 218 pp.

ISBN: 0-415-31895-5

No livro *The Obesity Epidemic: Science, Morality and Ideology*, lançado em língua inglesa, Michael Gard & Jan Wright travam um interessante debate acerca das questões mais ocultas que giram em torno da produção científica biomédica sobre a obesidade.

A inegável contribuição dos autores à saúde coletiva, sociologia, educação física e outros campos de conhecimento pode ser percebida no crítico e rico olhar produzido sobre este crucial tema da atualidade e adém de um posicionamento que não se contenta com as supostas verdades ditadas por uma ciência positivista, cuja visão do corpo é de um mecanismo determinado simplesmente pela diferença entre o número de calorias consumidas e gastas. O corpo, assim, assumiria a forma de uma máquina imune às influências sociais, culturais, econômicas, entre outros aspectos. Além disso, a “epidemia da obesidade”, anunciada por esta ciência, tem sido considerada uma consequência natural do “moderno estilo de vida ocidental”.

Para tratar do tema, algumas questões pontuais são trazidas à tona e atravessam toda discussão presente no texto. Uma das interrogações refere-se ao elevado grau de complexidade e incertezas do conhecimento. Outra interpelação diz respeito à moralidade e posições ideológicas contidas nos discursos daqueles que advogam uma “guerra” contra obesidade.

O argumento central, dessa forma, é que muitas indagações deveriam ser postas antes da crença em uma idéia de “epidemia da obesidade”. Nesse sentido, os autores discutem, entre outros aspectos, as soluções apresentadas pelos especialistas para lidar com a chamada epidemia, sempre relacionadas aos comportamentos individuais.

O livro é estruturado em dez capítulos. O primeiro é uma apresentação geral. O capítulo dois concentra-se na análise dos discursos que circulam nos meios de comunicação, mais especificamente na mídia escrita. No capítulo três, Gard & Wright buscaram debater o corrente estado da “ciência da obesidade”. Os autores, no

capítulo quatro, objetivaram mostrar como as suposições científicas acerca do tema não se alteraram muito em relação ao século passado. Segundo eles, a ciência contemporânea não avançou de modo substancial, bem como, persiste com seus estigmas moralizantes.

Bruce Ross é o responsável pelo capítulo cinco. Neste, Ross discute os conceitos de sobrepeso e obesidade, bem como, de que modo a noção de agravo à saúde praticamente não distingue os sujeitos com sobrepeso e obesidade. No capítulo seis, os autores se debruçam sobre a idéia conservadora de declínio social e moral, presente nos discursos da ciência hegemônica. Para a “cura” desse “problema” a ciência tem proposto, por exemplo, o ensino para as crianças na escola e o gerenciamento da vida dos filhos pelos pais.

O capítulo sete se dirige ao exame da literatura popular, isto é, às análises da “ciência da obesidade” para as comunidades não científicas. Gard & Wright desvelam a trama e mostram que os autores desses livros reivindicam ser a voz da ciência “verdadeira”, embora suas explicações estejam recheadas de discursos moralistas e ideológicos acerca do declínio da vida ocidental moderna.

No capítulo oito, os autores procuraram interpretar de outras formas os sentidos da obesidade e do sobrepeso. Inicialmente, buscaram desafiar a noção simplista do corpo como máquina. Posteriormente, posicio-

nam o peso e a gordura corporal como debates sociais e culturais. No capítulo nove, os autores buscam olhar pelas lentes dos trabalhos sociológicos sobre o corpo para questionar a “epidemia da obesidade” e a ciência hegemônica que a sustenta. De fato, a obesidade, por vezes, aparece como uma construção social.

Por fim, o décimo e último capítulo encerra o debate recapitulando os interesses centrais do livro. Primeiro, parece claro para os autores que algumas formas de conhecimento mostram-se mais poderosas em lidar com as agendas da saúde e, no caso da “ciência da obesidade” este poder não, necessariamente, atravessa uma base de conhecimento sólida e sem controvérsias. Segundo, para realizar o desafio de descortinar as idéias científicas e populares dominantes sobre a dita epidemia, houve a necessidade de olhar seus efeitos prejudiciais e considerar outras maneiras de pensar sobre corpos, peso e a saúde.

The Obesity Epidemic: Science, Morality and Ideology é, assim, um livro de referência que pode trazer inúmeras contribuições àqueles que buscam refletir sobre uma série de questões envolvendo promoção de saúde, riscos, obesidade, ciência, entre outros temas afins.

Alexandre Palma
Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade
Gama Filho, Rio de Janeiro, Brasil.
alexandrepalma@domain.com.br